

REPRESENTAÇÕES DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (1957 - 1969)

ANA CAROLINA EBLING SIGISMONDI BAUER

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Itajaí, Santa Catarina, Brasil

NORBERTO DALLABRIDA

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Itajaí, Santa Catarina, Brasil

RESUMO: O Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo foi concebido para ser um espaço de formação de seus alunos de licenciatura, bem como para realizar experimentação pedagógica. Nos seus doze anos de existência, esta escola foi marcada por práticas inovadoras e por disputas políticas, que levaram à sua extinção. Este trabalho procura compreender, sob a ótica da renovação pedagógica, três diferentes representações do Colégio de Aplicação da USP realizadas por dois capítulos de livro e um artigo. Para tanto, usa o conceito de representação, formulado por Roger Chartier, como presentificação e construção do ausente. As representações sobre o Colégio de Aplicação da USP se diferenciam pela visão histórica das autoras, bem como pelo período em que foram elaboradas.

PALAVRAS-CHAVE: Representação; Renovação Pedagógica; Colégio de Aplicação; Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO

Foi no início do processo de redemocratização da sociedade brasileira que foram criados os Colégios de Aplicação, sendo oficializados pelo decreto-lei nº 9.053, de 12 de março de 1946. Com o respaldo do Ministério da Educação, este foi um conceito de escola gestado dentro da perspectiva da Escola Nova. Ligados às universidades públicas, os colégios de aplicação tinham o propósito de fornecer educação a adolescentes e de ser um espaço de formação de licenciandos das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, bem como de realizar pesquisa pedagógica. A possibilidade de experimentar novas metodologias e a preocupação com a formação dos futuros professores dos colégios de aplicação seguia o ideário do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova de 1932, que primava pela autonomia das escolas e pela diversificação no processo educativo, como esclarece Kaiuca:

Os Colégios de Aplicação foram concebidos a partir de duas premissas centrais: a de se constituírem em campo de estágio obrigatório para os licenciandos das Faculdades de Filosofia e o de oportunizarem a experimentação de novas práticas pedagógicas e, mantido em sua matriz o ideário das classes experimentais (KAIUCA, 2004, p. 1019).

Este estudo pretende contribuir para produção de conhecimentos em História da Educação, de forma a dar visibilidade a experiências pedagógicas, que materializaram

um modo de pensar o fazer educacional. Desta maneira é feita a releitura do Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo (C.A.), de seus processos educativos e das experiências de renovação pedagógica, sob a ótica de três autoras que elaboraram trabalhos acerca desta experiência inspirada no escolanovismo. Esse estudo das diferentes representações acerca das renovações pedagógicas realizadas no C. A. pretende colaborar para a compreensão da educação em perspectiva histórica.

Desta forma, o presente trabalho procura compreender as diferentes representações do C. A. em três textos, sendo dois capítulos de livros e um artigo científico. Tendo como autora a pesquisadora Mirian Jorge Warde, o primeiro texto tem como título "O Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo" e é um capítulo do livro *Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas*, organizado por Walter Esteves Garcia (WARDE, 1995). O segundo texto selecionado é intitulado "O Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo: anos 50 e 60", de Maria Cecília Cortes Christiano de Souza e Maria de Lourdes Monaco Janotti, ambas participantes do grupo de trabalho: História Oral e Educação, que integra o livro *Os desafios contemporâneos da história oral*, das mesmas autoras (JANOTTI; SOUZA, 1997). E o último texto, intitulado "A Comemoração das vanguardas pedagógicas do ensino secundário paulista da década de 1960: reconstruir o passado para moldar o futuro", foi elaborado por Natália Frizzo de Almeida, integrante do grupo de pesquisa intelectuais da educação brasileira: formação, ideias e ações da USP (ALMEIDA, 2020).

O contexto histórico desta pesquisa se dá sob a perspectiva da renovação pedagógica que aconteceu no C.A., no período entre 1957 a 1969. Este recorte temporal é devido a instituição de ensino ter sido criada em 1957 através de convênio entre a Secretaria de Estado de Negócios da Educação do Estado de São Paulo e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP. Entre seus objetivos estava a utilização do colégio para "estágio e prática de ensino dos licenciandos e implementar experiências educacionais para o estudo e renovação dos métodos de ensino" (JANOTTI, 2006, p. 87). Segundo a autora, as classes experimentais foram criadas no ginásio do Colégio de Aplicação da USP no ano de 1962, após a criação do Departamento de Educação da FFCL e da assinatura do 2º convênio. Nessa altura, modificações na estrutura administrativa do colégio originaram o Serviço de Orientação Pedagógica dirigido por Amélia Domingues de Castro, então professora de didática do Departamento de Educação. A partir disso, outras modificações surgiram e na celebração do 3º convênio, realizado em 1966, foi desencadeada uma profunda crise no Colégio de Aplicação que culminou com o seu fim no ano de 1969.

Esta investigação bibliográfica está inscrita no campo da História da Educação e destaca aspectos que considera importantes para compreender algumas concepções educacionais, além de permitir a análise de elementos das pedagogias renovadoras que circulavam naquele contexto. O conceito de representação, aqui utilizado, toma por base os estudos empreendidos por Roger Chartier (2002). Para o autor, tal conceito refere-se ao significado da interpretação de um processo histórico para o mundo social, essa interpretação é sempre intencional e estratégica, a partir da qual se constrói novos sentidos e interpretações para acontecimentos históricos, dando origem a novos significados. Esse estudo utiliza o conceito de representação de Chartier (2002), apoiado

BAUER, A. C. E S.; DALLABRIDA, N.

nos estudos de Louis Marin, que é a “presentificação” do ausente, ou seja, apresentar e dar significado àquilo que já ocorreu de forma que essa representação permita entender:

...as diversas relações que os indivíduos ou os grupos mantêm com o mundo social: primeiramente, as operações de recorte e de classificação que produzem as configurações múltiplas graças às quais a realidade é percebida, construída, representada; em seguida, os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto, uma ordem, ou poder; enfim, as formas institucionalizadas através das quais “representantes” encarnam de modo visível, “presentificam”, a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade, ou a permanência de um poder (CHARTIER, 2002, p. 169).

Desse modo, este trabalho estará organizado em três partes, respeitando a cronologia dos textos selecionados. A primeira parte apresentará a análise de Miriam Warde da representação da renovação pedagógica no C.A. em três momentos históricos. A segunda abordará, através da perspectiva da história oral, o contexto histórico através das memórias de ex-alunos e ex-professores da instituição. E, finalmente, a terceira parte avalia a comparação de artigos e de memórias sobre essa recuperação e divulgação da experiência de renovação escolar no C.A.

O COLÉGIO DE APLICAÇÃO NAS LENTES DE WARDE

O texto de Warde (1995) analisa a representação do C.A. sob a perspectiva de três períodos bem delineados. Esses momentos históricos do C.A. tratam, respectivamente, do período de instalação e organização do C.A. e seu compromisso com a renovação dos métodos de ensino (1957 a 1961); da consolidação da renovação pedagógica, onde ocorre importante reestruturações administrativas (1962 a 1966), e da crise à extinção do C.A. (1967 a 1969). Esse levantamento histórico de dados, segundo a autora, é encontrado em “praticamente todos os históricos referentes ao colégio” (WARDE, 1995, p. 111).

O primeiro período é introduzido com as informações da celebração do 1º Convênio entre a Secretaria de Estados dos Negócios de Educação e a FFCL da USP. Cita o compromisso administrativo e técnico do colégio e a organização de suas relações com a Faculdade através de alguns pontos principais do Regimento Interno. Nesta introdução a autora afirma que: “Houve um empenho comum no sentido de se fazer cumprir os objetivos do C.A. aliado ao fato de ter predominado uma tendência de pensamento na qual se firmaram as bases pedagógicas do colégio” (WARDE, 1995, p. 113).

São esses dois pontos que Warde aborda de maneira separada neste primeiro período. Sobre o empenho comum para o cumprimento dos objetivos do C.A., menciona relatos da experiência extraídos da Revista de Pedagogia (mais especificamente das edições nº 11/12 e 185/187) e dos relatórios de atividades do C.A. Nesse levantamento, Warde preocupa-se em enumerar as conquistas consideradas pelo

pessoal do colégio como, por exemplo: experiências de Física e Química; estágios de prática de ensino dos alunos da Faculdade; média de 30 alunos por classe; cursos, seminários e palestras com vistas para a renovação metodológica; renovação metodológica nas disciplinas de Matemática, História, Geografia e Inglês tornando o ensino mais interessante para os alunos; organização dos diretórios estudantis; medidas para o funcionamento de uma classe de primeira série ginásial como “classe experimental”; instalação do Serviço de Orientação Educacional. E cita também “um número considerável de limitações” (WARDE, 1995, p. 117), como a necessidade de professores especializados, além dos professores catedráticos; dificuldades materiais devido a poucas verbas destinadas ao C. A.; precárias condições de trabalho para o corpo docente e as deficientes instalações do prédio.

O segundo ponto versa sobre o clima político-administrativo que, naquele momento, não enfrentava nenhuma oposição visto que os resultados colhidos ainda não colocavam o colégio como lugar de disputa. Este clima inicial mostrava o “domínio de uma tendência de pensamento” (WARDE, 1995, p. 119) que buscava repensar e renovar os métodos de ensino. As bases teóricas e o modelo de renovação estavam pautados para uma escola voltada para a vida social e democrática e para o desenvolvimento integral do ser. Warde evidencia que os fundamentos filosóficos do C.A. estavam baseados no método ativo, o qual denunciava um pensamento liberal-experimentalista de origem Dewyana. Neste ponto nota-se que as influências ao modelo de renovação estavam pautadas na experiência francesa das “classes novas”; informações colhidas através dos textos de Onofre Arruda Penteado Jr. e de Maria José Garcia Werebe, dois educadores diretamente mais envolvidos com a experiência do C.A.

O segundo período coloca o foco na consolidação da renovação pedagógica e nas reestruturações administrativas. Este período marca a celebração do 2º Convênio (1962) que trouxe significativas inovações, como o aumento do número de professores titulares e da remuneração por horas de serviço; resposta às reivindicações da administração do colégio, mas que não foram suficientes para sanar os problemas. Marca também significativas modificações nas Seções de Pedagogia e Didática da FFCL da USP, onde foram introduzidos quatro setores, o que necessitou a elaboração de um novo regulamento do C.A, introduzindo modificações na estrutura administrativa do colégio. Vale destacar a constituição do Serviço de Orientação Pedagógica, de competência do Setor de Metodologia Geral de Ensino da FFCL, e o Serviço de Orientação Educacional, de competência do Setor de Orientação Educacional da FFCL. Nesse momento esses dois setores do Departamento de Educação “assumiram as maiores responsabilidades dentro do C.A.” (WARDE, 1995, p. 127). Ao final desse período foi celebrado o 3º Convênio, com a introdução de mais alterações administrativas, como: não limitar o número de professores titulares para o colégio; a liberação de horas extraordinárias a serem pagas aos professores e consagrando ao Departamento de Educação a administração do C.A.

Por fim, o terceiro período é marcado pelo estopim da crise no C.A., dado por uma nova reformulação do regulamento do colégio. Neste mesmo período (1967-69), o país vivia o governo Costa e Silva, que foi marcado pela forte repressão, violência, restrição aos direitos políticos e à liberdade de expressão. Devido a grandes

BAUER, A. C. E S.; DALLABRIDA, N.

manifestações da população contra as medidas antidemocráticas impostas, o governo promulgou o AI-5, tornando-se o período mais duro da Ditadura Militar no Brasil.

Em 1967, alguns problemas emergiram e deveriam ser resolvidos na reformulação do regulamento, pode-se citar: os princípios políticos do C.A.; a alteração da base teórica de renovação; dificuldades administrativas internas; indefinição das áreas de competência da direção executiva, do serviço de orientação educacional e o serviço de orientação profissional; e a vinculação do C.A. à FFCL.

A comissão organizada para essa reformulação foi composta por Maria José Werebe, responsável pelo serviço de orientação educacional; por Amélia A. Domingues de Castro, do serviço de orientação profissional; e pelo professor da área de administração escolar, José Augusto Dias. Divergências nos pontos de vista das duas profissionais que compunham a comissão são indícios de uma disputa de lideranças pelo poder e influência, além de muitos outros problemas que começavam a emergir, levando ao agravamento da situação até o ponto mais crítico, que foi a greve e ocupação do colégio pelos estudantes e o conflito agressivo entre os agentes do DOPS que repercutiu muito negativamente para a imagem do C.A. Essa crise deflagrada amenizou, mas não cessou. Durante o ano de 1968, os conflitos continuaram, até o aceite de denúncia do convênio entre a FFCL e a Secretaria de Educação quando então a experiência do C.A. da USP foi extinta.

No texto, Warde acredita que a crise foi agravada pela disputa de poder político e administrativo e pela influência ideológica que circulava entre o C.A. e o Departamento de Educação. Outro fator que colaborou com o agravamento dos problemas foram as dificuldades dos setores técnicos que “[...] cada um buscou realizar no C.A., o ‘exemplo’ do que era proposto como ‘teoria’ nos cursos da Faculdade” (WARDE, 1995, p. 137).

O COLÉGIO DE APLICAÇÃO NA VISÃO DE EX-PROFESSORA E EX-ALUNA

O texto escrito por Janotti e Souza (1997), respectivamente, ex-professora e ex-aluna do C.A., contextualiza o período histórico que, segundo elas, “influíram no colapso do sistema educacional” (JANOTTI; SOUZA, 1997, p. 267). A autoras se utilizaram das fontes orais e da memória para entender a representação dessa experiência educacional nesse período da história, de forma a resgatar reminiscências dos atores envolvidos e recuperar o sentido político dessas memórias.

O texto defende que devido à ideia equivocada de democracia, experiências de renovação educacional foram rejeitadas pela polarização existente entre defensores da qualidade versus defensores da quantidade. As experiências renovadoras eram taxadas de elitistas, enquanto a necessidade versava pela democratização do ensino.

A experiência do Colégio de Aplicação foi vista com desconfiança em meios intelectuais de diferentes posturas ideológicas. Para os conservadores, o Colégio propunha um ideário de ensino fundado em uma liberdade e em uma autonomia de pensamento propícias à fermentação de idéias subversivas. Para os comprometidos com mudanças sociais, o Colégio havia restringido sua prática pedagógica democrática ao destiná-la a uma elite de estudantes, e

por isso mesmo, tornou-a impossível de ser estendida à rede de ensino público (JANOTTI; SOUZA, 1997, p. 270).

Na época, essa polarização, entre conservadores e àqueles que visavam uma mudança social, foi o que acabou por interromper as experiências de ensino renovador que objetivava unir ensino e cultura, um ideário iluminista.

A pesquisa central que culminou nesse texto saiu de encontros realizados a partir de dezembro de 1993 entre ex-alunos e ex-professores do C.A. As autoras tomaram como base o aporte teórico de Michel Halbwachs sobre sua teoria psicossocial que fala sobre a reconstrução do passado: “é o presente, resultado das mudanças trazidas pelos anos, que emprestará ao passado um significado próprio” (JANOTTI; SOUZA, 1997, p. 275). Desta maneira as lembranças sobre o C.A. registram memórias sobre o cotidiano da vida escolar, costumes sociais da época, a política brasileira pré e pós-golpe militar de 1964, sobre os jogos de poder no interior da FFCL da USP, das renovações pedagógicas praticadas no C.A. e de um importante momento histórico onde as renovações educacionais foram interrompidas pela repressão da ditadura militar e onde culminou os “equivocos dos rumos da política educacional” (JANOTTI; SOUZA, 1997, p. 276).

As autoras enfatizam o contexto histórico dos anos 1960; o clima que era de mudanças, de ascensão social, explosão cultural e do processo de metropolização da cidade de São Paulo (JANOTTI; SOUZA, 1997). Relembrem, ainda, que as preocupações em democratizar o ensino e com a qualidade da educação nacional já vinham desde o manifesto dos pioneiros da Escola Nova em 1932, depois o ensino secundário foi foco na Campanha em Defesa da Escola Pública em 1959 e ambos refletiram na tramitação das leis de Diretrizes e Bases em 1961. Com isso tudo, o período de funcionamento do C.A. reflete a pretensão dos intelectuais da educação em criar e manter uma escola pública modelo e de qualidade que estaria comprometida com a transformação da sociedade. Essas lembranças dessa pesquisa realizada pelas autoras vinham de encontro novamente à discussão e reivindicação de uma escola pública de qualidade que acontecia ao final da década de 1980 e início dos anos 1990.

A pesquisa tinha entre seus objetivos: recuperar as experiências didático-pedagógicas; compor o universo escolar vivido e conhecer as ações pedagógicas praticadas no C.A., focando no clima cultural e pedagógico dos relatos dos ex-alunos. Um ponto comum nos relatos foi a questão da entrada no C.A., que era vista como um novo mundo que se abria aos estudantes. Outro ponto comum era a descoberta do mundo político, seja da política estudantil como da política que se delineava nos anos 1964 e da experiência dos seminários em grupo. Outros aspectos levantados pelos memoriantes foram: a proximidade nas relações entre professor e aluno; o repertório estudado, como filosofia; a forma de ensinar que era diferente, inusitada, agradável e estimulante (foram adjetivos citados); trabalhos em grupo; seminários; visitas externas (como na Biblioteca Municipal); o clima cultural; os trabalhos de pesquisa e a leitura diária. Todas essas lembranças foram citadas pelos ex-alunos do C.A.

O Colégio de Aplicação da USP tornou-se uma escola modelo nos seus anos de funcionamento. Com pressupostos para uma educação democrática, o que importava era o método e não tanto o conteúdo das disciplinas. O currículo foi idealizado para que

BAUER, A. C. E. S.; DALLABRIDA, N.

o estudante desenvolvesse uma relativa autonomia, guiado pelo serviço de orientação educacional e pela família. O foco estava no desenvolvimento científico, na capacidade de raciocínio e na análise objetiva dos fatos e fenômenos (JANOTTI, 2006). Um ensino criativo que o tornou uma escola modelo, conforme citam as autoras:

Atividades dinâmicas preenchiam o cotidiano do Colégio de Aplicação. No curso colegial os alunos discutiam últimos lançamentos literários, comentavam acontecimentos recentes, realizavam seminários e analisavam textos de época, reportando-se a livros em francês, inglês e espanhol. Realizavam pesquisas sobre temas em torno dos quais articulavam-se todas as disciplinas, trabalhando em grupos, aprendendo a doar e a receber e, acima de tudo, participar de um ensino criativo (JANOTTI, 2006, p. 90).

Esse reconhecimento merecia o destaque aos professores que eram escolhidos através de dois concursos e ainda trabalhavam na integração temática das disciplinas. O empenho dos professores, aulas criativas e críticas eram destacados.

O texto encerra concluindo que os ex-alunos não faziam parte da elite e reforça que o ensino no C.A. os possibilitou um conhecimento intelectual, cultural e a compreensão das injustiças sociais, incutindo nos alunos o desejo de modificar a sociedade como um todo.

O COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA USP COMO VANGUARDA PEDAGÓGICA

O texto de Natália Almeida trata justamente da recuperação das memórias sobre a “renovação educacional”, ocorrida na década de 1960, e quais as motivações por trás dessa comemoração e rememoração de um projeto de ensino que se findou na mesma década. As instituições que fazem parte desse estudo são o Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (C.A.), os Ginásios Vocacionais e o Ginásio Israelita Brasileiro Scholem Aleichem, cada qual com sua história, gestão e públicos distintos. Através de um levantamento bibliográfico em torno dessas três instituições, que utilizavam práticas pedagógicas renovadoras semelhantes, o estudo pretende compreender os usos e abusos que essas memórias se fazem no presente.

Este trabalho irá se concentrar apenas no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (C.A.), procurando compreender a seleção das memórias e suas motivações em materializar, dentro da história da educação, essa versão de “vanguarda pedagógica” como identidade de grupo (ALMEIDA, 2020, p. 112). A autora fundamenta o conceito de memória nas teorias de Burke (2000) – o passado é permanente e mutável, pois adequamos os fatos conforme os anseios atuais; e Pollak (1989) – o passado é reinterpretado continuamente através do enquadramento das lembranças que enfatizam a construção de uma identidade. (ALMEIDA, 2020, p. 113).

O texto parte da “premissa teórica de que o acontecimento comemorado visa sempre o seu devir” (ALMEIDA, 2020, p. 110) e deixa claro que essa recuperação de memórias é a motivação que essas comunidades escolares têm para manter viva essa experiência. As questões que giram em torno do estudo da autora partem da premissa que essas intenções de rememorações não são neutras, pelo contrário, estão carregadas

de estratégias de controle que buscam reforçar acontecimentos para impedir o esquecimento (ALMEIDA, 2020).

Fica evidente que as comemorações da renovação pedagógica tinham como objetivo “referendar sua importância para recuperar essa proposta pedagógica no presente” (ALMEIDA, 2020, p. 118), ou seja, de resgatar as experiências das práticas pedagógicas nas escolas renovadas para debater as necessidades de mudança na educação atual. Em todas as lembranças de ex-alunos é comum as citações de uma educação que colocava o aluno para pensar; nos trabalhos em grupos; a interdisciplinaridade; a autonomia dos alunos e de um ensino diferente e atraente.

As três instituições estudadas no texto trazem em comum a crise no sistema de ensino público iniciada na década de 1970, a baixa qualidade de ensino das escolas públicas e o desejo de romper com o “ensino tradicional” (ALMEIDA, 2020, p. 113). Almeida traz a análise crítica da experiência renovadora no C.A. pelo olhar das três autoras citadas nos textos anteriores. Segundo Almeida (2020), Souza e Janotti (1997) defendem a “democratização da qualidade” e se contrapõem à crítica de que o C.A. era formado pela elite paulistana. Já Warde (1995) concorda que as experiências renovadoras tiveram um caráter elitista e conservador e, mesmo tendo melhorado a qualidade, os projetos se limitaram a um número pequeno de alunos devido os altos custos (ALMEIDA, 2020).

A autora conclui o texto afirmando que essas sessões de comemoração se ancoram apenas no lado positivo das memórias e naquilo que se pretende dar visibilidade e utiliza-se desses argumentos para propor melhorias para a educação atual, porém os embates e as contradições são deixados em segundo plano; portanto considerar que essa experiência possa ser retomada com o intuito de melhorar a educação atual, precisar levar em conta todas as facetas que a história traz dessa experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo constatou que o Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo, juntamente a outras experiências de renovação pedagógica, marcou um período importante dentro do cenário da educação brasileira. Período este muito bem delineado por um contexto histórico, social e político específico devido às questões do Regime Militar; fato que surge como o principal alçó para o encerramento abrupto da experiência.

De outra parte, nota-se que a experiência renovadora do C.A. é rememorada através de narrativas homogêneas que enaltecem apenas o legado positivo da instituição, sem pormenorizar todos os empecilhos e dificuldades enfrentadas por todos os sujeitos que compuseram a história do colégio.

Na busca de comparar essas três representações sobre o Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo, o fato que mais chama atenção é a briga pelo poder e a polarização de ideais políticos. Não é possível afirmar que o embate político foi o único responsável pelo fim da experiência, mas nota-se uma relevante participação para a não continuidade do projeto.

BAUER, A. C. E S.; DALLABRIDA, N.

Contudo, para afirmarmos que essa experiência poderia trazer soluções para a educação nos dias de hoje, seria necessária uma contextualização mais densa sobre as práticas renovadoras de fato praticadas no C.A., juntamente à contextualização da educação atual, que teve seu acesso consideravelmente ampliado, comparado ao período da experiência.

Artigo recebido em: 25/02/2022
Aprovado para publicação em: 08/06/2022

REPRESENTATIONS OF THE APPLICATION COLLEGE FROM THE UNIVERSITY OF SÃO PAULO (1957-1969)

ABSTRACT: The College of Application of the University of São Paulo was conceived to be a space for training its undergraduate students, as well as for carrying out pedagogical experimentation. In its twelve years of existence, this school was marked by innovative practices and political disputes, which led to its extinction. This work seeks to understand, from the perspective of pedagogical renewal, three different representations of the College de Application of the USP made by two book chapters and an article. To do so, it uses the concept of representation formulated by Roger Chartier as the presentification and construction of the absent. The representations of USP's College of Application are distinguished by the historical view of the authors, as well as by the period in which they were elaborated.

KEYWORDS: Representation; Pedagogical Renovation; Application College; University of São Paulo.

REPRESENTACIONES DEL COLEGIO DE APLICACIÓN DE LA UNIVERSIDAD DE SÃO PAULO (1957-1969)

RESUMEN: El Colegio de Aplicación de la Universidad de São Paulo fue concebido para ser un espacio para la formación de sus estudiantes de grado, así como para la realización de experimentaciones pedagógicas. En sus doce años de existencia, esta escuela estuvo marcada por prácticas innovadoras y disputas políticas, que llevaron a su extinción. Este trabajo busca comprender, en la perspectiva de la renovación pedagógica, tres representaciones diferentes del Colegio de Aplicación de la USP hechas por dois capítulos de libro y um artículo. Para ello, utiliza el concepto de representación formulado por Roger Chartier como presentificación y construcción de lo ausente. Las representaciones del Colegio de Aplicación de la USP se distinguen por la mirada histórica de las autoras, así como por el período en que fueron elaboradas.

PALABRAS CLAVE: Representación; Renovación Pedagógica; Colegio de Aplicación; Universidad de São Paulo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. F. A comemoração das vanguardas pedagógicas do ensino secundário paulista da década de 1960: reconstruir o passado para moldar o futuro. **Rev. FAEEBA – Ed. E Contemp.**, Salvador, v. 29, n. 59, p. 110-128, jul./set. 2020.
- BRASIL. Decreto-lei nº 9.053, de 12 de março de 1946. Cria um ginásio de aplicação nas Faculdades de Filosofia do País. Rio de Janeiro, **Diário Oficial da União**, 1946. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9053-12-marco-1946-417016-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 27 fev. 2023.
- BURKE, P. História como memória social. In: BURKE, P. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 67-89.
- CHARTIER, R. **A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- JANOTTI, M. L. M. História, Acontecimento e Narrativa: confrontações teóricas. *Clio – Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, v. 24, n. 1, p. 83, 2006.
- JANOTTI, M. L. M.; SOUZA, M. C. C. O Colégio de Aplicação da USP. Anos 50 e 60. In: Sinsom, O. (org.). **Os desafios contemporâneos da História Oral**. 1 ed. Campinas: Centro de Memória UNICAMP, 1997, p. 267-290.
- KAIUCA, M. A. **Com um lápis e um papel... cria-se um novo texto**: as representações de práticas democráticas nos Colégios de Aplicação. Ensaio: aval. Po. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 12, n. 45, p. 1013-1044, out./dez. 2004.
- POLLAK, M. **Memória, esquecimento e silêncio**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- WARDE, M. J. O Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo. In: GARCIA, W. E. (org.). **Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 101-131.

ANA CAROLINA EBLING SIGISMONDI BAUER: Graduada em Administração Hoteleira pela Faculdade de Tecnologia Hebraico Brasileira Renascença (1999). Cursando segunda graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) (2022). Bolsista Iniciação Científica - CNPq - História da Educação (2019-atual).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8336-4656>
E-mail: anacarolinaesb@gmail.com

BAUER, A. C. E S.; DALLABRIDA, N.

NORBERTO DALLABRIDA: Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Estado de Santa Catarina – UDESC. Pesquisador PQ 1-D do CNPq. Contribuição de autoria: contextualização das classes secundárias experimentais.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5100-2028>
E-mail: norbertodallabrida@gmail.com

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).